CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
CORRESPONDÊNCIAS – RITA AZEVEDO GOMES | REALIZADORA CONVIDADA
10 de novembro de 2026

DIE MARQUISE VON O / 1976

(A Marquesa de O)

um filme de Eric Rohmer

Realização: Eric Rohmer / **Argumento**: Eric Rohmer, baseado na novela de Heinrich von Kleist / **Direcção de Fotografia**: Nestor Almendros / **Cenários**: Rolf Kaden, Helo Gutschwager, Roger von Mollendorff / **Guarda-Roupa**: Moidele Bickel / **Música**: Roger Delmotte / **Som**: Jean-Pierre Ruh / **Montagem**: Cecile Decugis / **Interpretação**: Edith Clever (a Marquesa), Bruno Ganz (o Conde), Peter Luhr (o pai), Edda Seippel (a mãe), Otto Sander (o irmão), Eduard Linkers (o médico), Ruth Drexel (mulher), Bernhard Drey (leopardo), Hesso Huber (porteiro), Erich Schachinger (general russo), Richard Rogner (oficial russo), Thomas Strauss (mensageiro), Volker Prachtel (padre), Marion Muller e Heidi Moller (donzelas), Franz Pikola e Theo de Maal (burgueses), Petra e Manuela Mayer (as meninas).

Produção: Les Films du Losange - Janus Film Produktion / **Produtores**: Barbet Schroeder e Klaus Hellwig / **Directora de Produção**: Margaret Menegoz / **Cópia**: Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original legendada em português, 99 minutos / **Estreia Mundial**: Festival de Cannes de 1976 / **Estreia em Portugal**: Estúdio 444 e Quarteto, a 22 de Março de 1977.

Aviso: Esta cópia apresenta alguma degradação cromática e ligeira desfocagem das legendas, de que pedimos desculpa.

Die Marquise von O marca de certa forma o "regresso" de Rohmer à realização, depois de um interregno de cerca de quatro anos - o último filme fora **L'Amour l'Aprés-Midi**, datado de 1972. Se é legítimo supor que esse lapso de tempo se tenha devido, em parte, ao trabalho de defesa da sua tese de doutoramento (sobre a *"Organização do Espaço no '**Fausto**' de Murnau"*), pode também significar a vontade de deixar claro o encerramento de um ciclo, com toda a propriedade, uma vez que o referido filme de 1972 fora o último tomo da série dos "Contos Morais". Quatro anos depois disso **Die Marquise von O** surgia, pelo menos aparentemente, como um corte estético - e até mesmo temático - com o Rohmer de até então, pormenor que os filmes posteriores não deixariam também de acentuar: ainda hoje, esta adaptação da novela de Kleist forma, com **Perceval le Gallois** (o filme seguinte e também adaptado de uma matriz literária) a vertente da obra do cineasta de que se diria ser mais "atípica".

Não deixa no entanto de ser curioso que este, o mais "germânico" dos filmes de Rohmer, apareça na sequência do seu trabalho sobre o filme de Murnau, ele próprio uma variação sobre um mito (o de Fausto) e sobre um autor (Goethe)

profundamente enraizados na tradição desse germanismo. De resto, e dando de barato o facto de poder ser apenas uma coincidência (mas quem acreditará?), **Die Marquise von O** abre praticamente com uma imagem que muito deve ao filme de Murnau: o plano do soldado que vem salvar a marquesa, com o uniforme branco iluminado por uma luz nada natural, aproxima-se muito de um dos planos iniciais do **Faust** de Murnau, onde uma imagem semelhante aparecia em oposição ao demónio.

Talvez se possa dizer que semelhante "citação" tem um propósito fundamental. De alguma maneira ela funciona como introdução a um universo radicalmente diverso daquele que Rohmer explorara até então. Convocando um tal expoente do romantismo germânico o cineasta age como se pretendesse deixar bem clara a cartografia em que se enquadra **Die Marquise von O**. E sobretudo permite-lhe, uma vez instalado neste novo território, retomar em não pouca medida um critério formal nem por isso muito distanciado daquele que lhe reconhecemos como característico. Depois, o que vemos é a mesma diluição dos "efeitos de cinema" de sempre, o mesmo rigor de composição e de organização (glosando o título da sua tese podíamos dizer que Rohmer é antes do mais um perfeito organizador do espaço fílmico), a mesma frieza analítica, a mesma relação com as personagens: Rohmer está sempre com elas, mas com a distância suficiente para as poder filmar em plano geral, e o facto de o cineasta aparecer aqui como figurante numa das cenas é uma curiosa ilustração disso mesmo.

De resto, talvez se possa ainda dizer, a propósito da raiz literária do filme, que Rohmer não teve necessidade se não de fazer pequenos ajustes ao seu "sistema" para penetrar em semelhante universo. Há todas as semelhanças temáticas e formais, muitas vezes referidas, entre **Die Marquise von O** e **Benilde ou a Virgem Mãe** de Oliveira -semelhanças que Rohmer sempre reconheceu não tendo deixado de admitir a influência que o filme de Oliveira teve na concepção do seu. Mas fica, apesar disso, a ideia de que, no fundo, no fundo, quase tudo o que está na forma deste filme estava já, de algum modo, presente na obra anterior de Rohmer. O que muda é o objecto, a "envolvência": e é esse encontro do romantismo germânico com a "luz" rohmeriana que faz de **Die Marquise von O** um filme belíssimo.

Luís Miguel Oliveira